

LIBERDADE PARA TODOS



Por Carla da Silva Pereira

I

No dia 29 de Setembro de 2018, cento e vinte voluntários e elementos do grupo DxE (Direct Action Everywhere) entraram numa quinta, na Califórnia, e resgataram dez galinhas em más condições físicas. As forças policiais acorreram ao local e entrevistaram de imediato, mas permitiram que uma das activistas abandonasse a propriedade levando uma galinha nos braços. Este simbólico gesto de compaixão por parte das autoridades comprova que, numa situação de flagrante injustiça, até as forças policiais reconhecem a necessidade de desobedecer à lei — o resgate não é, afinal, um crime. Uma única galinha foi salva nesse dia. Essa galinha era Rose.

II

Os sistemas de protecção e de bem-estar definidos no actual sistema jurídico, ainda incipientes, abrangem apenas alguns animais, os chamados «animais de companhia», excluindo todos aqueles que o ser humano destinou à exploração para fins de consumo, espectáculo ou outro tipo de utilização que equipara estes animais a meros objectos — produtos, bens, recursos, serviços ou mercadorias. E Rose é a prova viva da necessidade de criar direitos básicos para todos os animais, protegendo-os assim do uso, do abuso e da exploração. TODOS os animais, sem excepção, têm direito à liberdade e ao reconhecimento universal da sua dignidade, como qualquer um de nós. É preciso combater o especismo e promover a igualdade, exigindo que o sistema jurídico reconheça estes direitos básicos a todos os animais.

Assim nasceu a Rose's Law — Lei de Rose.

III

Rose simboliza também o questionamento das relações de poder que estabelecemos com os outros animais: a prática da domesticação, baseada em critérios de utilidade, instrumentalização e funcionalidade, é sustentada pela teoria da superioridade humana e justifica a nossa autoridade de intervir no controlo da reprodução e manipulação das espécies. Rose relembra-nos que, homínídeos ou galináceos, todos e todas partilhamos a mesma matriz, a vida, e a vida é um princípio universal — devia bastar nascer e estar vivo para todos gozarmos plena e livremente do direito à vida. Etimologicamente, a palavra *homem* (e *humano*), de *homo*, derivará do termo latino *humus*, ou seja, «terra» ou «chão» — um «ser da terra», e não um deus imortal —, e *homo*, em grego, significa o «mesmo», o «igual». Embora insista em manter a sua ambição de competir com os deuses e deusas que ele próprio criou à sua imagem e semelhança, o ser humano está, portanto, fadado a ser um igual na terra onde habita.



IV

Estamos a viver um marco na história da Humanidade e do planeta, em que as alterações climáticas evidenciaram já o precipício que escavámos, enquanto espécie, e à beira do qual nos encontramos. No entanto, mais do que emergência climática, o estado é de emergência total, pois a existência de todos e cada um dos habitantes da Terra está ameaçada — todos e todas estamos em risco de extinção. O objectivo da Rose's Law — Lei de Rose é, através de acções directas não-violentas de desobediência civil, levar a sociedade a tomar consciência do especismo, abrir o debate acerca do tema e pressionar os legisladores e os governantes no sentido de propor, discutir, aprovar e promulgar uma declaração de direitos que conceda a todo e qualquer animal:

1. O direito de ser livre — ou seja, de não ser propriedade de ninguém — ou de ter um tutor ou uma tutora que defenda os seus interesses;
2. O direito de não ser explorado, vítima de abuso ou morto por seres humanos;
3. O direito a que os seus interesses sejam representados em tribunal e protegidos por lei;
4. O direito a um lar, *habitat* ou ecossistema protegido;
5. O direito de ser resgatado em situações de sofrimento e exploração.





Esta é a letra da Lei; porém, a Rose's Law — Lei de Rose mas não passará de palavras bem-intencionadas se os direitos básicos enumerados não forem legalmente reconhecidos e postos em prática. Na verdade, estes direitos correspondem a deveres, a compromissos da nossa parte. Por isso, a maneira de os pôr em prática é agir, ou seja, entrar em acção. E são decerto muitos os activistas e muitas as activistas que estão a ler este texto, neste momento. Activistas que batalham, dia após dia, consagrando o seu tempo e os seus corações, as suas próprias vidas, nas ruas e um pouco por toda a parte, desde matadouros a cais de embarque, para dar visibilidade àqueles que, graças à nossa cegueira, permanecem na escuridão e na obscuridade, muitos banidos da nossa presença, e para traduzir e ampliar as suas vozes, ainda ignoradas, anónimas e silenciadas, completamente obliteradas ou desprezadas ao longo de toda a nossa história. De todo o mundo, chegam-nos imagens de animais explorados, subjugados, abandonados ou aniquilados por nós, humanos. Os e as activistas conhecem, na carne, esta realidade bárbara e perversa. São testemunhas em primeira mão da miséria, do martírio e da injustiça, sofrendo agressões constantes não só pela mão da consciência e do conhecimento da realidade, como pelo egoísmo cego ou ignorância dos demais. E sabem que, ao protestar, resgatar (outros) animais ou expor injustiças, podem ser detidos, enfrentar acusações criminais e, até, penas de prisão, enquanto os casos irrefutáveis de crueldade que denunciam são rejeitados e os autores destes crimes escapam à lei, impunes. Todos os animais merecem os mesmos direitos, e o que fizemos até agora para os proteger não basta. Está na hora de propor e promulgar uma declaração que defenda todos os animais e que proteja os e as activistas. Estes direitos são vossos. Esta é a vossa Lei também.



V

Dizem-nos com frequência que somos radicais. Isso planta e faz medrar em nós a frustração e o desalento. No entanto, segundo Hegel, «Ser radical significa ir à raiz das coisas». E, acrescento eu, o que está na raiz mantém-se invisível. Ir à raiz é trazer à luz o que está oculto e silenciado, na escuridão. Ir à raiz é, ainda, revelar a origem dos problemas. Ser activista é ir à raiz de todo o mal, uma e outra vez, sem cessar. O trabalho de revelação pressupõe arrancar as raízes doentes, destruí-las, e lançar outras, para erigir um edifício novo, fundado em alicerces de justiça, verdade e igualdade, como a declaração que a Rose's Law — Lei de Rose propõe.

Hegel diz-nos ainda que «a raiz, para o homem, é o próprio homem». A verdade é que o ser humano, um animal capaz de sentir uma compaixão sem limites, mergulhou na alienação, onde está tão agrilhado, oprimido e incompleto como os seres vivos que oprime, encarcera, explora e mata. Em última instância, ser radical é buscar, activamente, a libertação e a emancipação da humanidade escravizada.

Para isso, há que levar mais longe a radicalidade, e das profundezas desalumiadas subir ao sonho, pois é nesta esfera que moram todas as possibilidades do mundo, incluindo as nossas. Ninguém sonha mais do que nós, activistas; sonhar é, aliás, a forma primordial de activismo. Somos activistas porque sonhamos. E sonhamos porque sonhar é um clarão fugaz que momentaneamente ilumina o inferno em que mergulhamos; sonhamos porque, a sonhar, é possível alcançar o sentido da vida, encontrar a leve esperança de construir um caminho que nos afaste do apocalipse, para o qual caminhamos enquanto agentes e autóvitimas. Sonhamos porque o sonho nos permite tocar o indelével sopro, o fluxo energético que atravessa de igual modo todos os seres vivos; e se os modos de ser e de viver parecem apartar-nos, este impulso para a vida junta-nos no mesmo propósito.

Quando vos disserem que são radicais, sintam e manifestem orgulho — não deixem nunca de ser radicais. Ser radical implica não apenas a capacidade de nos analisarmos, a nós próprios, criticamente, ir às raízes, mas também a capacidade de trabalhar para a emancipação de todos os seres: só assim pode a humanidade libertar-se finalmente de todas as grilhetas e lançar as raízes da liberdade derradeira e total, a verdadeira libertação animal.



VI

A libertação animal não tem credo. A libertação animal não tem cor. A libertação animal não tem partido nem grupo. A libertação animal a todas e a todos pertence.

A libertação animal de todos é direito e dever. A libertação animal somos todas e todos. A libertação animal somos todos e cada uma de nós.

Os animais contam com TODOS e CADA UMA de nós. Por isso, é preciso que trabalhemos juntos para arrancar o silêncio dos corações oprimidos das vítimas e para as alçar das trevas. Vamos unir-nos nas diferenças, assumindo-as para gritar a uma só voz, uma voz multicolorida mas conciliada no essencial. TODOS nos importamos com TODOS e TODAS importamos nesta luta. CADA UM de nós faz a diferença e, TODAS JUNTAS, podemos e devemos protagonizar a mudança que queremos ver em nós e no mundo. Juntos, faremos soar o estrondo do silêncio, até que não haja nenhuma voz obliterada. Juntos, iluminaremos os céus com a verdade, para que as sombras desapareçam dos campos, das cidades e dos nossos corações. Juntas e juntos, estamos aqui para RESISTIR, até que TODAS e TODOS sejamos livres.



No passado dia 02 de Março, fizemos história e entrámos na história de Portugal: oito activistas acorrentaram-se e colaram-se (!) uns aos outros, ocupando a escadaria principal de acesso à Assembleia da República, para reivindicar direitos e liberdade para TODOS, enquanto outros os apoiavam com cânticos e palavras de ordem. Foi a primeira acção do género no país. Não percam a oportunidade de se juntarem a nós na próxima acção! Ninguém pode agir por nós. E temos de aproveitar o privilégio da liberdade para exigir a libertação total e completa das vítimas do actual estado de coisas. «Somos aqueles de quem estávamos à espera.»



Ficha técnica

Título do texto: *Liberdade para Todos*

Autoria: Carla da Silva Pereira

Revisão: Rosa Caldeira

Fotografias: António Pedro Santos/LUSA (p. 1), DxÉ (p. 3, cima), Sérgio Dias Santos (p. 3, baixo, pp. 4, 5, 6, 8, 9, 10)

Por vontade expressa da autora, o texto da *newsletter* e a nota acerca do texto não seguem as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), atualmente em vigor.

Nota da autora: As marcas de género na linguagem oral e escrita têm sido objecto de ardente debate e estudo intenso, sem que ainda se tenha encontrado a fórmula certa para ultrapassar o domínio do género masculino, tarefa especialmente intricada no que toca a línguas de raiz bipartida como a portuguesa. Uma das vias exploradas é a alternância dos géneros masculino e feminino, ou a inclusão dos dois, indiscriminadamente, no mesmo texto, com uma certa elasticidade e flexibilidade, contrariando a utilização do masculino como forma neutra exclusiva ou prioritária. Ainda que não de modo exaustivo e absoluto, e apesar de continuar a reproduzir o binarismo com que a língua está infectada, este foi o critério seguido no presente texto. Agradeço a todas e a todos a leitura de um texto que exige o esforço adicional de acompanhar a língua enquanto instrumento assumido para baralhar a norma social e cultural.



PRÓXIMOS EVENTOS NO DISTRITO DE LISBOA

Lisbon Animal Save

Dia 31: Vigília
AVIPRONGO, 21h30



Lisbon Climate Save

Dia 28: *Workshop* de
Cibersegurança + almoço
Lisboa, 10h
(evento coorganizado com Lisbon
Animal Save e Lei de Rose Portugal)



Sintra Horse Save

Dia 15: Vigília - Vila de Sintra
15h

LISBON ANIMAL SAVE



donativos: paypal.me/lisbonanimalsave